

2º Encontro da SBPC em MS/ XI ENEPEX / XIX ENEPE/ 22ª SNCT - UEMS / UFGD 2025

A TEORIA FEMINISTA NA PERSPECTIVA DE AUTORAS NEGRAS.

Instituição: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Área temática: Ciências humanas.

SOARES, Iasmin Ágata Flecha (Iasminsoares396@gmail.com)¹ **SILVESTRE, Célia Maria Foster**(celiasilvestre@uems.br)²

¹ – Discente do curso de ciências sociais da unidade de Amambai – UEMS.

² – Docente do curso de ciências sociais da unidade de Amambai – UEMS.

O feminismo negro surge como resposta à invisibilização histórica das mulheres negras na academia, na política e nos movimentos sociais, denunciando as limitações do feminismo tradicional e do movimento negro hegemônico. Considerando essa lacuna, objetiva-se aproximar a teoria de autoras feministas negras e identificar suas contribuições para a construção de uma educação antirracista. Para tanto, procede-se à pesquisa bibliográfica, com levantamento, leitura e análise de obras clássicas e contemporâneas de autoras como, Patricia Hill Collins, Angela Davis, bell hooks (2013) (que não usa letras maiúsculas em seu nome), Carolina Maria de Jesus (2004), Carla Akotirene (2019), Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2003) e Djamila Ribeiro, além de artigos recentes sobre feminismo negro e educação. Desse modo, observa-se que o racismo estrutural atravessa instituições sociais e educacionais, reproduzindo desigualdades, ao passo que o feminismo negro oferece ferramentas teóricas e práticas para romper com esse silenciamento. Isso permite concluir que uma educação verdadeiramente antirracista só é possível quando fundamentada nas contribuições do feminismo negro, capaz de promover inclusão, crítica social e transformação. A proposta também está vinculada a uma compreensão de que fazer pesquisa sobre mulheres negras tem que ir além de tratar o assunto como um mero objeto de pesquisa e ficar no campo teórico: é preciso olhar a mulher como produtora de conhecimento e pesquisadora que tem seu lugar de fala para dialogar sobre suas experiências e vivências. Para se pensar a educação antirracista, trouxe bell hooks. Assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. Em “Resistência”, trouxe o nome escolhido, grafado em minúscula, para se posicionar politicamente e intelectualmente. Hooks queria que prestássemos atenção em suas obras e palavras, e não em sua pessoa. Em seus escritos, traz sua trajetória acadêmica desde os anos iniciais até sua pós-graduação, que foi repleta de atropelos e preconceitos. A autora traz a educação como prática de liberdade, muito influenciada por Paulo Freire, que lhe apresentou o primeiro contato com a pedagogia crítica. Algo que tanto hooks quanto Freire discute é a educação bancária, que visa à memorização e ao depósito de informações que posteriormente são colocadas à prova em determinada data. Essa se torna uma forma autoritária de ensino, pois não desperta o senso crítico dos estudantes, que são vistos como recipientes vazios

PALAVRAS-CHAVE: feminismo negro; racismo estrutural; educação antirracista.

AGRADECIMENTOS: Gostaria de expressar gratidão à UEMS pelo apoio concedido por meio da Bolsa de Iniciação Científica, que possibilitou a realização desta pesquisa.